

WIKILEAKS, O GLOBO, HISTÓRIA E EU

Clifford Andrew Welch¹

Resumo. O *paper* trata de uma experiência pessoal do autor em virar fonte de história através do vazamento de documentos diplomáticos do governo dos Estados Unidos pelo grupo WikiLeaks. Analisa os transtornos causados pela publicação de um documento que cita uma entrevista com o autor e, dado múltiplos erros de fatos, levanta questões sobre o uso e abuso pelo historiador de fontes orais, jornalísticos e oficiais.

Demorou. Em abril de 2007, pedi pessoalmente uma cópia do relatório do investigador dos Estados Unidos da América que me entrevistou sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Pedi de novo por email em setembro, mas nem resposta recebi, muito menos o documento. Foi o grupo Wikileaks que recentemente revelou os resultados dos andamentos do agente estadunidense no Pontal do Paranapanema, São Paulo, e meu nome estava no meio das reportagens que saíram nos jornais nos dias 18 a 20 de dezembro de 2010.

Como coordenador adjunto do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (Nera) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em abril de 2009, confesso que estava pouco animado com a visita do Vice Consul Benjamin A. LeRoy do Consulado Geral dos EUA, em São Paulo, quando nos pediu uma hora para “conhecer o trabalho do Nera e aprender um pouco mais sobre reforma agrária e movimentos sociais de sem-terra,” como nos escreveu a assistente de assuntos políticos do consulado (SALVADOR, 2009). Na verdade, nosso grupo é dedicado utilizar a ciência para avançar a luta pela terra, uma postura do intelectual defendida pelo próprio Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2001).

Como historiador especializado em estudos da política externa dos EUA na América Latina, já conhecia figuras como LeRoy e seus relatórios (WELCH, 2009). Eram fontes importantes para entender a natureza da interferência do império em sua esfera de influência. Agora o disco virou e era eu a fonte. Fiquei assustado com os erros

¹ Prof. Dr. Ajunto da História do Brasil Contemporâneo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Contato: cawelch@unifesp.br , fone celular – 11-8255-1846.

do relatório de Benjamin, a distorção dos fatos interpretados pelo cônsul-geral Thomas White e, mais uma vez, preocupado com o método empírico do historiador, que depende demais em documentos oficiais e notas jornalísticas.

Faz sentido confiar em um investigador que nem sabe onde estava ou com quem estava falando? O despacho que relata a investigação de Benjamin usa a sigla Uneste no lugar da sigla Unesp e dá como a minha afiliação institucional a Universidade de Michigan, ambas afirmações equivocadas. Inclusive, nem existe uma universidade chamada Uneste no Brasil.

Pior, ainda, é a fala atribuída a mim por Benjamin e relatado pelo White que ficou como manchete no *Globo*: “MST teria espiões no Incra para orientar invasões” (FARAH, 2010). Nunca falei e jamais falaria algo assim. No primeiro lugar, a palavra “espião” é invenção do *Globo*, porque não aparece nos relatos diplomáticos disponibilizados pelos jornais.

No “telegrama” em questão de 29 de maio, White escreveu que “O MST segue uma metodologia programada em suas ocupações de terra que inclui a utilização de contatos dentro do Incra para ajudar selecionar alvos, segundo [...] Welch” (WHITE, 2009). Em outro momento, o cônsul relata que eu o informei de que “o MST aproveita contatos dentro do Incra para determinar qual será a próxima área sujeito a desapropriação.” Segundo o relato, “Welch contou para Benjamin que o Incra não disponibiliza as informações ao público e que o único jeito para o MST acessar os dados seria através de informantes dentro do Incra.”

O jeito como o cônsul interpretou o relato de Benjamin de coisas que não falei sobre as relações entre o MST e o Incra reflete mais do macartismo que a realidade do Brasil. Macartismo é a ideologia do “medo vermelho” que causou alarme nos EUA nos meados do século passado quando foi alegado que espiões russos infiltrados no setor público estavam minando a segurança nacional do país.

A atual situação no Brasil não tem nada ver com a Guerra Fria, obviamente. O dever constitucional do Incra é fazer reforma agrária. O MST procura pressionar para que o Incra realize a reforma agrária.

É bom lembrar, como falei para o Benjamin, que as informações do Incra são públicas para todo mundo. Me lembro que tentei explicar para o Benjamin que a maioria das ocupações do MST não foram realizadas em maneira aleatória, mas a partir de áreas com desapropriação em andamento. Quer dizer, o movimento faz esforço para colaborar com o processo constitucional de identificação de terras improdutivas ou sujeito a desapropriação por violar as leis trabalhistas ou ambientalistas. É o cônsul que inventou um sentido de clandestinidade.

No mesmo documento de abril, que tem o título “O método do MST: Tira proveito do governo, alienar os vizinhos,” o cônsul toma vantagem da investigação do Benjamin para alegar que membros do MST que ganham lotes de reforma agrária do Incra vão acabar “alugando ao agronegócio” a terra “numa prática cínica e irônica.” A fonte para esta informação parece ter sido “um líder do agronegócio” em Presidente Prudente.

Fora de contexto, assim como apresentado no despacho diplomático, o aluguel dos lotes parece ser de fato “cínico e irônico.” O relatório não contempla a pressão das usinas nos assentados, com oferta de dinheiro fácil para o plantio da cana de açúcar, que tem causado muitos problemas aos assentados, como demonstram várias pesquisas realizadas pela UNESP. A coordenação nacional do MST é declaradamente contra a prática.

São outros erros de fato e interpretação nos documentos e notícias. A *Folha* aproveitou o esvaziamento dos documentos para alegar que o MST está em “declínio,” que a “base do movimento encolheu” (BALTHAZAR, 2010). O *Globo* dá destaque para um suposto abandono da causa da luta pela terra pelo Presidente Lula, uma interpretação que apareça nos telegramas do White (FARAH, 2010)..

Porém, é difícil sustentar estes argumentos. De fato, os cálculos das estatísticas do governo Lula bem como os do Nera sustentam o contrário, mostrando de que Lula assentou mais famílias que o Presidente Fernando Henrique Cardoso que declarou ter feito mais para reforma agrária que qualquer outro presidente brasileiro, mas o governo Lula defende que assentou 59 por cento dos beneficiários de reforma agrária na história do Brasil.

No caso das ocupações de terras e o número de famílias envolvidas na luta pela terra, as estatísticas são quase iguais. Durante os oito anos do governo Cardoso, 571.650 famílias participaram em 3.876 ocupações organizadas por mais que 20 movimentos. Os números do governo Lula ainda não foram calculados totalmente, mas durante os primeiros sete anos, são registrados a participação de 480.214 famílias em 3.621 ocupações (WELCH, 2011).

Impressionante é como, até na tentativa de corrigir erros, a mídia guarda a última palavra pública. Consegui reclamar a cobertura do Globo, mas aproveitaram o momento de correção para repetir justamente o argumento que eu estava denunciando como falso. Começou com o título da correção: “WikiLeaks: Professor contesta telegrama e nega ter dito que MST tinha informantes no Incra” (GLOBO, 2010). A peça é curta e vou reproduzir para poder analisar melhor seu formato e conteúdo.

RIO - A revelação de telegramas diplomáticos americanos trouxe uma resposta que o professor adjunto de História da Universidade Federal de São Paulo, Clifford Andrew Welch, esperava há mais de um ano. E também uma surpresa. Como coordenador-adjunto do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária (Nera), ele foi entrevistado em abril de 2009 por um assessor do então cônsul-geral de São Paulo, Thomas White. Segundo o relato, Welch teria dito que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra usava contatos no Incra para saber qual fazenda seria desapropriada. "Welch disse que (...) o MST só poderia acessar (a informação) por meio de informantes dentro do Incra", diz o relato.

- Essa informação não saiu da minha boca - disse Welch ao GLOBO. - Não sei nada sobre informantes dentro do Incra. É uma ideia quase da Guerra Fria ter um grupo clandestino operando dentro do governo.

Welch conta ter pedido, na época, a cópia do relatório de seu entrevistador, e voltou a cobrá-lo em setembro do ano passado. Mas só soube do teor com o vazamento do telegrama e a publicação de reportagens (GLOBO, 2010).

Publicado de autoria corporativa, anota como foi reservada para minha contestação três linhas de 15, um quinto da reportagem. Apesar da entrevista durar 15 minutos, a maioria da “correção” foi dedicada a reprodução da perspectiva do telegrama e do jornal.

Temos que agradecer Wikileaks por quebrar o sigilo que ainda reina nos círculos diplomáticos décadas depois do final da Guerra Fria. Em meu caso, deu para desmentir

fatos equivocados e desconstruir interpretações anacrônicas, inclusive das reportagens da grande imprensa (BARBOSA, 2007). Infelizmente, nem sempre é possível para os historiadores do tempo presente ir até a fonte da fonte, mas quando for possível, o atual caso sublinha ambos a dificuldade de por em ordem a versão mais fatural e o valor do esforço na pesquisa para chegar mais próximo da verdade (FERREIRA, 2000, 2002).

Referências

BALTHAZAR, Ricardo. Diplomatas orientam atenção com MST. **A Folha de S. Paulo**. 19 dez., 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/po1912201008.htm> acesso 20 dez., 2010.

BARBOSA, Cláudia Maria Formiga. Sujeito, inconsciente e tempo presente. In: BRUNI, José Carlos; BARRETO, Luiz Menna; MARQUES, Nelson (orgs). **Decifrando o tempo presente**. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Por um conhecimento engajado. In: **Contrafogos 2** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.36-45.

FARAH, Tatiana. MST teria espiões no Incra para orientar invasões, revelam telegramas vazados pelo WikiLeaks. **O Globo**. 18 dez., 2010. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/12/18/mst-teria-espioes-no-incra-para-orientar-invasoes-revelam-telegramas-vazados-pelo-wikileaks-923322955.asp>. Acesso 20 dez., 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi** (Rio de Janeiro), nº 5, p. 314-332, dez., 2002.

GLOBO, O. WikiLeaks: Professor contesta telegrama e nega ter dito que MST tinha informante no Incra. **O Globo**. Edição On-line. 24 dez., 2010. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/12/23/wikileaks-professor-contesta-telegrama-nega-ter-dito-que-mst-tinha-informante-no-incra-923353189.asp> Acesso 4 fev., 2011.

PORTO, Jr., Gilson (org). **História do tempo presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

SALVADOR, Arlete M. “Assunto: FW: para rubens/visita do officer Benjamin Le Roy.” Email, 30 de mar., 2009.

WELCH, Clifford Andrew. Internacionalism trabalhista: O envolvimento dos Estados Unidos nos sindicatos brasileiros, 1945-1964. **Perseu: História, Memória e Política** v.2, n3, p185-219, 2009.

WELCH, Cliff. Lula and Agrarian Reform. **NACLA Report on the Americas**. New York, NY. v.44, n.1, p.?-?, 2011. (prelo)

WHITE, Thomas. American Consul São Paulo to Secretary of State, Washington, D.C.. “Subject: The MST Method: Work the State, Alienate the Locals.” 29 de mai., 2009. Dispo AMCONSUL SAO PAULO RUEHC/SECSTATE WASHDC nivel em <http://m.folha.uol.com.br/poder/847150-documento-relata-pratica-do-mst-que-atinge-sua-credibilidade-leia-em-ingles.html> Acesso 20 de dez., 2010.